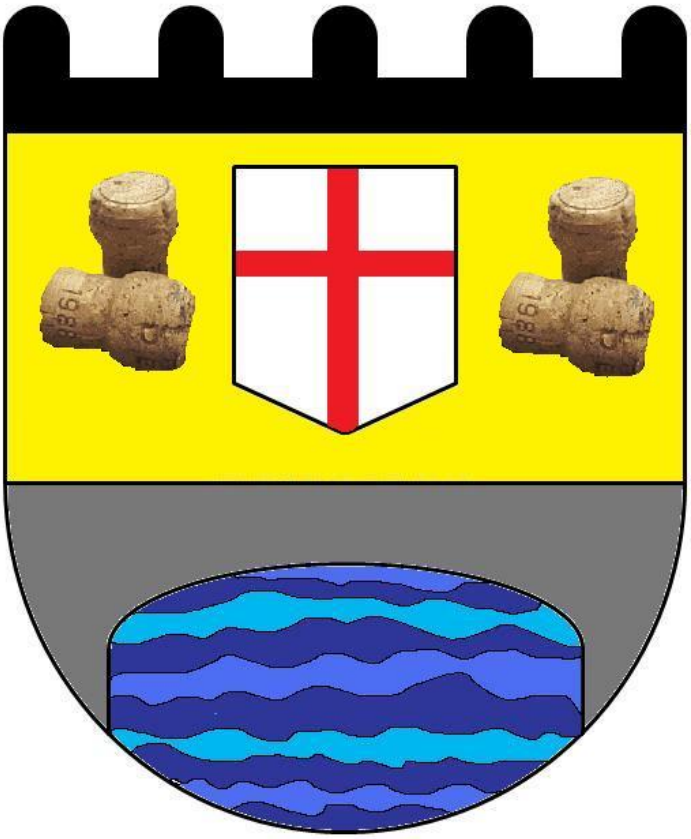
HISTÓRIA

DE

CASCO DE ROLHA



INDICE

CAPÍTULO I – INICIO DO MUNDO E PRÉ-HISTÓRIA 4

1 - Início do Mundo 4

2 – Pré-história 4

2.1 – Primeiros Marrecos de Casco de Rolha 4

2.2 – Os Celtas em Casco de Rolha e Povoado Castrejo 5

CAPÍTULO II – PERÍODO ROMANO E INVASÕES BÁRBARAS 6

1 – Período Romano 6

1.1 – Julius Cascus 6

1.2 – Vila Romana de Cascus Rolhus 6

2 – Invasões Barbaras 8

2.1 – Reino Suevo 8

2.2 – Domínio Visigodo 8

CAPITULO III – PERÍODO MUÇULMANO E RECONQUISTA CRISTÃ 8

1 – Período Muçulmano 8

1.1 – Invasão Muçulmana 8

1.2 – Ali Tarik 9

2 – Reconquista Cristã 10

2.1 – Reconquista de Pelágio 10

2.2 – Condado Portucalense 10

2.3 – Mosteiro de São Cricalho 10

CAPÍTULO IV – REINO DE PORTUGAL E VISCONDADO DE CASCO DE ROLHA 11

1 – Reino de Portugal 11

1.1 – Criação do Reino de Portugal 11

1.2 – D. Farpas Moutinho 11

1.3 – Paços Viscondais 13

1.4 – Igreja Matriz de Casco de Rolha 13

1.5 – Ponte Velha 14

CAPÍTULO V – VISCONDADO DE CASCO DE ROLHA 14

1 – Terras do Viscondado de Casco de Rolha 14

2 - Viscondes de Casco de Rolha 14

3 – Cruzeiro Paroquial 15

4 – Crise de 1383-85 15

5 – Lenda de Nossa Senhora dos Tremoços 16

6 – Batalha de Alcácer Quibir e Ocupação Espanhola 16
7 – Restauração da Independência 17
8 – Real Confraria de Nossa Senhora dos Tremoços 17
9 – Coreto 18
10 – Invasões Francesas 18
CAPÍTULO VI – VISCONDADO DE CASCO DE ROLHA SEM PODER ADMINISTRATIVO 18
1 – Reorganização dos Concelhos em Portugal 18
2 – Festas Taurinas de Casco de Rolha 20
CAPÍTULO VII – SÉCULO XX 21
1 – Implantação da República 21
2 – Primeira Grande Guerra do Tinto 21
2.1 – Pré-Guerra 21
2.2 – Criação da Marinha de Rega de Casco de Rolha 22
2.3 – O Conflito e seus intervenientes 22
3 – Moina de Casco de Rolha 23
4 – Rali Vale de Casco 24
5 – Tremoços Pikes Peak Hill Climb de Casco de Rolha 24
6 – Pina Balentismo 25

CAPÍTULO I – INICIO DO MUNDO E PRÉ-HISTÓRIA

1 - Início do Mundo

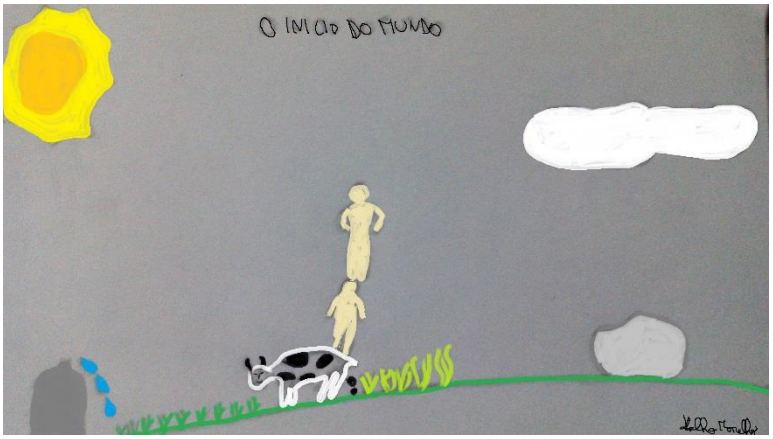


Figura 1 *- "O Inicio do Mundo" de Lhelho Monelho*

Após a criação do mundo em certo dia de calor intenso estava plantado, onde se localiza o N.º69 da Rua do Pinadouro "Casa dos Vaquedos", um garrafão de pedra que com o calor começou a suar umas pingas de pinga. Mal as pingas de pinga se enfiam na terra logo começam a nascer umas ervas. Depois por obra de um penedo milagreiro que existia ali na zona intermediária apareceu uma vaca de quatro patas, de realçar este pormenor, que começou a comer a dita erva e como tudo o que entra tem que sair esta cagou e estrumou a respetiva erva. Com o estrumar do chão apareceram umas ervas especiais. A dita vaca de quatro patas ao comer as ditas ervas especiais transformou-se no Adão e na Eva. Depois o Adão e a Eva foram para o paraíso e deram umas caibradas e tiveram filhos e estes multiplicaram-se.

2 – Pré-história

2.1 – Primeiros Marrecos de Casco de Rolha

Passados uns anos largos destes acontecimentos do inicio da vida no mundo as primeiras comunidades humanas chegam à Península Ibérica e um pequeno grupo de marrecos composto por duas meias dúzias de indivíduos chegou perto de uma pequeno curso de água e um outro maior um bocadinho que são respetivamente a Ribeira de Casco e o Rio Sarrazolas. Como não conseguiam atravessa-los montaram a tenda numa gruta que em tempos muito remotos existiu no Monte de Nossa Senhora dos Tremoços. Estes indivíduos começaram a caçar e a fazer fogueiras para fazer churrascos com as peças de caça. Certa vez quase incendiaram o Monte de Nossa Senhora dos Tremoços.

Há cerca de 5000 anos a.C., a comunidade descendente deste grupo de marrecos estacionados na zona que atualmente é Casco de Rolha tirou do testo que podia cultivar a terra e saiu das grutas e começou a construir casas em pedra com telhados de palha seca. As primeiras casas aparecem junto da Ribeira de Casco onde se localizam os Paços Viscondais.

2.2 – Os Celtas em Casco de Rolha e Povoado Castrejo

Anos mais tarde chegam a Casco de Rolha os Celtas que eram uns moços que vieram do centro da Europa para a Península Ibérica e como Casco de Rolha fazia parte da Península Ibérica não foi diferente e a comunidade de descendentes dos primeiros marrecos que chegaram a Casco de Rolha "enxertaram a marmita" [1] e são ocupados pelas Tribos Celtas. Com a sua chegada os Celtas fazem muralhas de pedra e constroem o Castro que existiu no local onde estão edificados os Paços Viscondais de Casco de Rolha. Estes para conseguir atravessar a Ribeira de Casco contruíram uma ponte de cordas e tábua perto do local da Ponte Velha. Em caso de molho[2] e o ataque vir do outro lado da Ribeira de Casco, estes desprendiam a ponte para impedir a passagem da Ribeira de Casco.

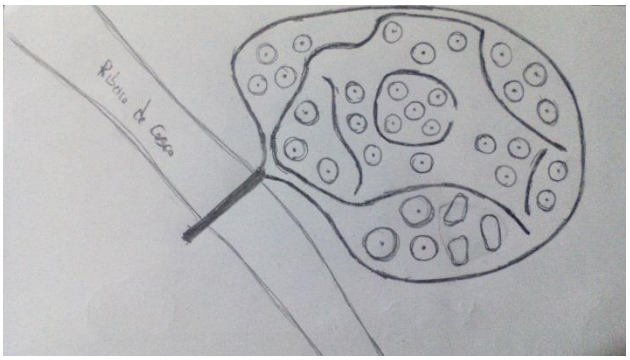


Figura 2 *- Reconstituição do Povoado Castrejo*

O Povoado Castrejo era composto segundo registos romanos[3] por 29 casas redondas de pedra com telhados de colmo. Detinha uma muralha exterior com abertura apenas na saída da ponte de tábuas que atravessava a Ribeira de Casco. Detinha ainda algumas muralhas interiores consoante a elevação do pequeno outeiro existente no local. O Povoado detinha ainda três antas que funcionavam como cemitério do mesmo povoado.

[1] Perder com alguém; Levar porrada
[2] Porrada; Guerra
[3] Registos atribuídos a Julius Cascus feitos aquando da sua chegada a Casco de Rolha

CAPÍTULO II – PERÍODO ROMANO E INVASÕES BÁRBARAS

1 – Período Romano

1.1 – Julius Cascus

No ano 100 a.C. chega a Casco de Rolha Julius Cascus um general romano a comandar uma centúria[4] composta por 100 legionários e abre as hostilidades de combate contra a comunidade residente e logo os atacantes "enxertam a marmita" aos residentes. Os guerrilheiros locais são presos e colocados a trabalhar na construção de novos edifícios.

Para comemorar a ocupação, Julius Cascus decide mandar construir uma vila romana no local e batiza-a de Cascus Rolhus em homenagem à pessoa dele próprio. Com a chegada dos romanos é criado em Casco de Rolha o culto pela pinga que passou de "filhos para pais" [5] até aos nossos dias.

1.2 – Vila Romana de Cascus Rolhus

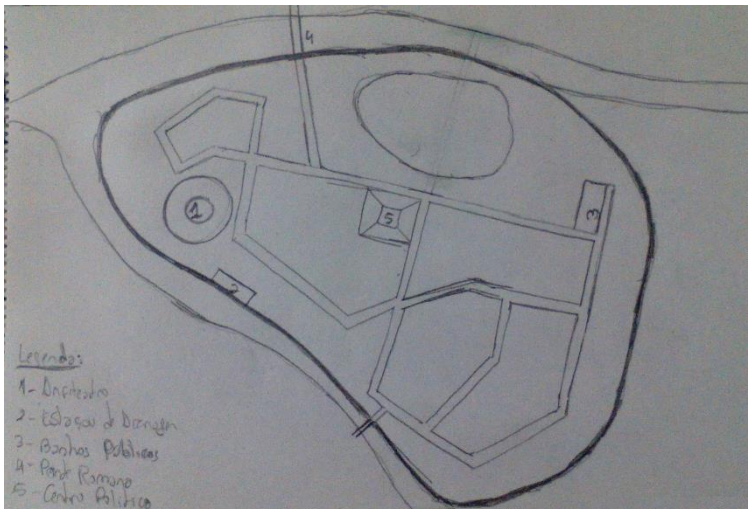


***Figura 3** - Mapa de Cascus Rolhus*

Cascus Rolhus era uma pequena vila romana mas detinha uma muralha da qual já não existem quaisquer vestígios nos dias de hoje, uma ponte toda ela em pedra para atravessar o Rio Sarrazolas que foi destruída durante a ocupação bárbara, um sistema de drenagem de águas da Ribeira de Casco para abastecimento da vila, um pequeno anfiteatro para os casco rolhenses viverem a cultura, banhos públicos e um pequeno centro político para

[4] Parte de uma Legião (4800 homens) composta por 80 a 100 homens
[5] Passar de geração em geração

governar a região segundo a lei do Imperador Romano. Julius Cascus autonomeou-se o primeiro chefe político e representante do Imperador Romano em Cascus Rolhus.

A muralha construída pelos romanos estendia-se em volta de toda a vila romana que era já bastante maior que o primeiro povoado Celta. Cascus Rolhus compreendia quase todo o território entre a Ribeira de Casco e o Rio Sarrazolas que atualmente pertence a Casco de Rolha, com exceção da zona a este do Estádio Freguesial Freguesia de Casco de Rolha. A muralha detinha duas portas, sendo a principal com grande envergadura na ponte construída sobre o Rio Sarrazolas e a outra de pequenas dimensões na ponte de tábuas dos Celtas.

Os romanos abandonaram um pouco a travessia da ponte em tábuas dos Celtas e construíram uma ponte sobre o Rio Sarrazolas toda ela em pedra. Desta não restam quaisquer vestígios pois foi destruída pela invasão dos Suevos. A entrada principal na vila romana de Cascus Rolhus era exatamente na entrada desta ponte.

Os romanos como povo muito avançado para a sua época, aproveitaram-se da Vila Romana de Cascus Rolhus ficar junto de um curso de água doce. Juntaram o útil ao agradável e criaram um sistema para tirar água da Ribeira de Casco para abastecer Cascus Rolhus.

Como era de costume na altura e para tentar imitar Roma, todas as cidades e vilas romanas construíam réplicas do Coliseu Romano de Roma. O anfiteatro de Cascus Rolhus [6] foi construído com inspiração na Coliseu de Roma mas em ponto muito mais pequeno. Lá os romanos praticavam corridas de quadrigas, lutas de gladiadores e outros espetáculos artísticos.

Os banhos públicos foram construídos na zona onde atualmente se encontra a base dos Serviços Secretos e de Informação. Estavam dotados de água quente, aquecida por uma fornalha que se situava na zona inferior da piscina principal.

Julius Cascus decidiu construir um edifício para aí se instalar e administrar Cascus Rolhus e todas as terras envolvente. Com este edifício nasce o primeiro grande centro de poder político e administrativo na Região do Vale do Casco.

[6] Não restam quaisquer vestígios deste nos nossos dias. Ele foi completamente destruído aquando da invasão muçulmana por Ali Tarik.

2 – Invasões Barbaras

2.1 – Reino Suevo

Algumas gerações depois de Julius Cascus ter chegado a Casco de Rolha e a ter conquistado pela força aos descendentes dos primeiros marrecos que habitaram Casco de Rolha sofrem o que sofreram os marrecos. Viram-se invadidos por uns moços da pesada que lhes "enxertou a respetiva marmita".

Em 406 os Alanos, Suevos e Vândalos chegam à Península Ibérica e "enxertam a marmita" aos romanos. A conquista de Cascus Rolhus dá-se em 408. No ano de 409 Cascus Rolhus passou a integrar o Reino Suevo. Esta esteve sob domínio Suevo até à queda do Reino Suevo em 585 aquando os Visigodos chegaram e "enxertaram a marmita" aos Suevos.

2.2 – Domínio Visigodo

Chegados a Cascus Rolhus os Visigodos assustam os Suevos com os seus potentes amansa guapos [7] e estes cagam-se todos e depuseram as armas rendendo-se sem "caimento" de molho. Cascus Rolhus esteve até 711 sob domínio Visigodo aquando chegaram os muçulmanos.

CAPITULO III – PERÍODO MUÇULMANO E RECONQUISTA CRISTÃ

1 – Período Muçulmano

1.1 – Invasão Muçulmana

No ano de 711 chegam à Península Ibérica os Muçulmanos vindo do norte do "continente dos primos do Mantorras"[8]. Em 715 chegam a Cascus Rolhus e invadem os Visigodos que "enxertaram a marmita" por um punhado de muçulmanos comandado por Ali Tarik.

[7] Armas; Sarrafos para bater em alguém
[8] África

Com a chegada dos Muçulmanos, Cascus Rolhus passou a chamar-se Al Cascus. Os Muçulmanos construíram onde atualmente existe a Igreja de Matriz de Casco de Rolha uma mesquita[9] para culto da sua religião. Construíram também casas com arquitetura mourisca destruindo praticamente todas as construções romanas que ainda existiam à data.

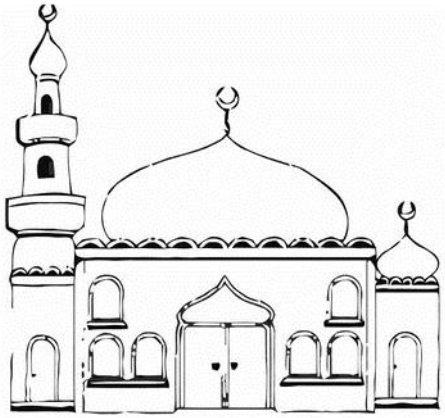


Figura 4 *- Reconstituição da Mesquita de Al Cascus*

Apesar de os Muçulmanos tomarem Cascus Rolhus pela força não obrigaram os residentes a converterem-se ao islamismo ou a praticar a sua religião. Também fizeram algumas trocas com os locais e ambas as partes ficaram a ganhar.

1.2 – Ali Tarik

Ali Tarik foi primeiro representante do poder muçulmano em Al Cascus do Califado de Damasco que dominava toda a Península Ibérica à data. Posteriormente Al Cascus passou para o poder do Emirado de Córdoba e posteriormente Califado de Córdoba.

Ali Tarik comandou um pequeno grupo de muçulmanos do grande exército muçulmano que invadiu a Península Ibéria comandado pelo General Tárique.

Ali Tarik é um Muçulmano de origem Berbere. Nasceu em parte incerta do que agora é território de Marrocos. Ali Tarik alistou-se no exército muçulmano [10] que invadiu a Península Ibéria. Foi-lhe entregue o comando de um pequeno grupo de exército. Após a entrada na Península Ibérica veio por ali a cima até chegar a Cascus Rolhus onde se instalou e fundou Al Cascus.

[9] Desta mesquita resta nos nossos dias apenas a referência a ela e um pequeno esboço elaborado pelos Cristãos durante a Reconquista Cristã.
[10] Exército Omíada.

2 – Reconquista Cristã

2.1 – Reconquista de Pelágio

No ano de 718 dá-se um rombo aos acontecimentos e Pelágio um nobre Visigodo começa a "enxertar a marmita" aos Muçulmanos. Com o tempo os Cristão foram conquistando terras aos Muçulmanos. Após estas conquistas de terrenos são criados os Reinos de Leão, Castela Navarra e Aragão e o Condado Portucalense. Al Cascus foi conquistado aos Mouros por tropas de Pelágio comandadas por um nobre casco rolhense visigodo que se refugiou nas Astúrias com Pelágio aquando da conquista árabe. Com a reconquista aos Árabes, Al Cascus passou o seu nome novamente para língua latina, Cascus Rolhus.

2.2 – Condado Portucalense

Com a Reconquista começada por Pelágio nasceram novos reinos cristãos. Este foi fundado por Vimara Peres. Este condado logo ganhou distinção do Condado da Galiza.

Em 868, ano da fundação do condado, Casco de Rolha passa para o domínio do Condado Portucalense sendo Vimara Peres o primeiro conde de Portucale.

2.3 – Mosteiro de São Cricalho

Em 1131 ainda sob o domínio do Condado Portucalense dá-se o início das obras de construção do Mosteiro de São Cricalho em Casco de Rolha terminando no ano seguinte. Obra admirável construída em tempo recorde para a época dada a sua grandeza.

Figura 5 *- Maquete do Mosteiro de São Cricalho*

O Mosteiro é composto por duas partes, o Mosteiro e a Igreja. O Mosteiro foi construído em forma de U virado para a Ribeira de Casco. Este detém uma pequena arcada a unir as duas pontas do U perfazendo uma espécie de claustro. A Igreja fica a norte ficando contigua à parte do mosteiro. Esta fica com a frente virada para este. A igreja detém duas torres sineiras.

O Mosteiro de São Cricalho foi entregue à Ordem de Cister.

CAPÍTULO IV – REINO DE PORTUGAL E VISCONDADO DE CASCO DE ROLHA

1 – Reino de Portugal

1.1 – Criação do Reino de Portugal

O filho do 11.º Conde de Portucale, Afonso Henriques teve a grande ideia de se tornar independente do Reino de Leão. Com a morte do 11.º Conde de Portucale D. Henrique de Borgonha assumiu as rédeas do condado a sua patroa D.ª Teresa que se afiambrou com um fidalgo galego o que o seu filho não gostou.

Afonso Henriques começou a "enxertar a marmita" à sua velha e em 1143 após andar à porrada com tropas do seu primo espanhol Afonso VII [11] consegue a independência do Condado Portucalense e funda o Reino de Portugal[12].

Após conseguir a independência do Reino de Leão Afonso Henriques vira-se a "enxertar a marmita" aos Muçulmanos.

1.2 – D. Farpas Moutinho

D. Farpas Moutinho foi um nobre casco rolhense que se destacou na Reconquista de terras aos Muçulmanos por D. Afonso Henriques.

D. Farpas Moutinho nasceu em 1106 em Casco de Rolha resultante de uma caibrada mal dada por D. Necas Moutinho e D.ª Colona de Casco e arrefeceu-se-lhe o céu-da-boca no ano de 1179. Casou com D.ª Quinhas de Menezes Moutinho, filha de D. Zé Raio de Menezes, companheiro de armas de D. Necas Moutinho e D.ª Teresa Caguefas.

Do casamento de D. Farpas Moutinho com D.ª Quinhas de Menezes Moutinho nasceu D. Farpas de Menezes Moutinho, o 2.º Visconde de Casco de Rolha.

[11] Rei de Leão à data do acontecimento
[12] Conseguiu a independência com Tratado de Zamora

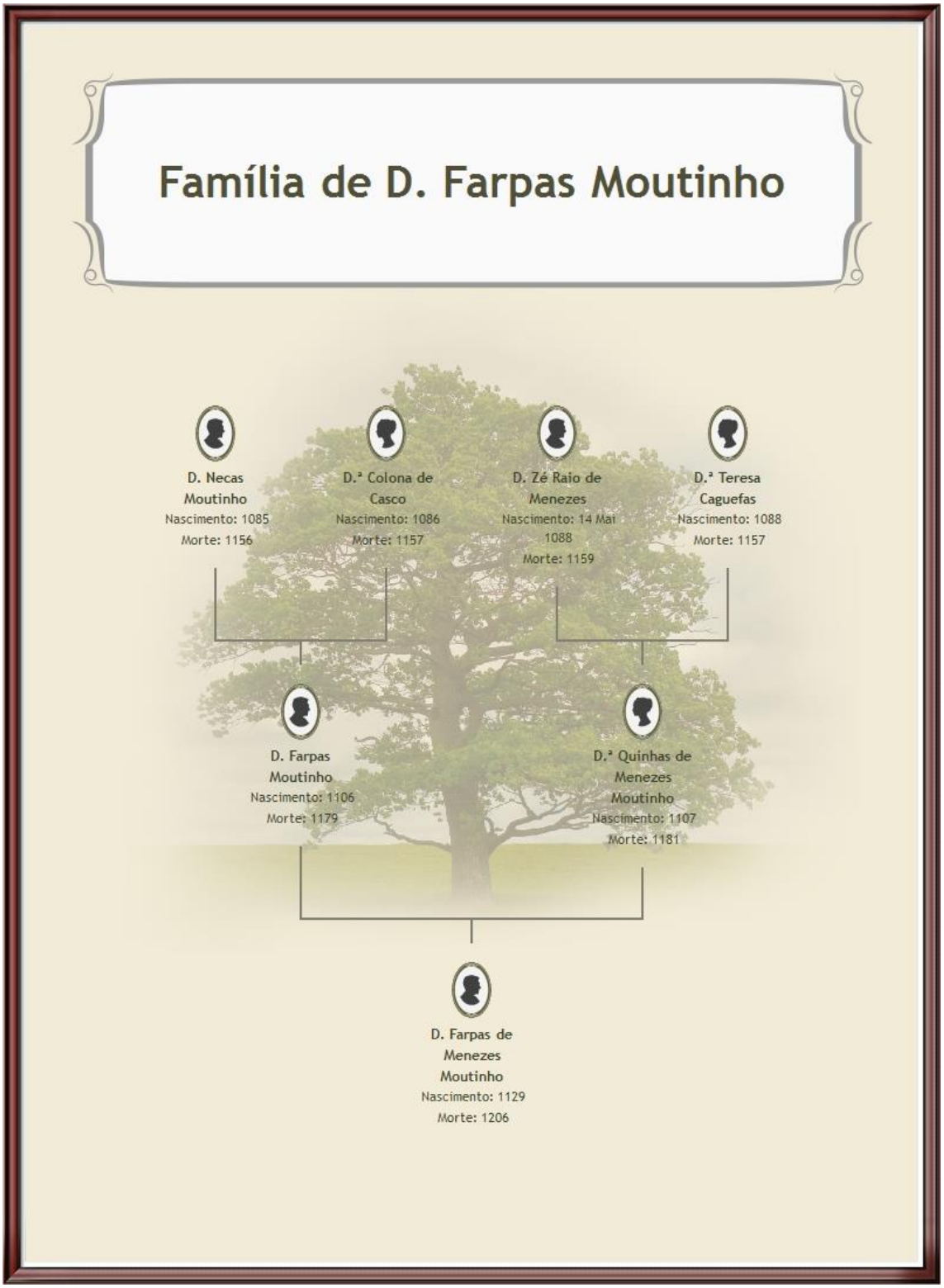


Figura 6 *- Árvore Genealógica de D. Farpas Moutinho*

1.3 – Paços Viscondais

No ano de 1155, D. Farpas Moutinho decide mandar iniciar a construção dos Paços Viscondais para aí poder dar umas caibradas à vontade com a sua patroa. A primeira fase de obras apenas foi a da construção de uma pequena torre e dos paços.

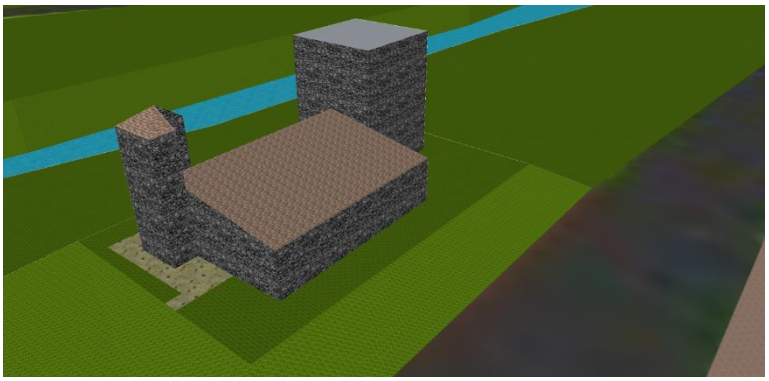


Figura 7 *- Maquete dos Paços Viscondais*

É atribuído ao segundo visconde de Casco de Rolha a construção da Torre de Menagem dos Paços Viscondais. Segundo D. Farpas de Menezes Moutinho sentia necessidade de uns paços mais acastelados para melhor se defender em caso de ataque a Casco de Rolha.

Este foi construído num pequeno outeiro junto da Ribeira de Casco onde em tempos existiu um povoado castrejo.

1.4 – Igreja Matriz de Casco de Rolha

É também atribuído a D. Farpas Moutinho a construção da Igreja Matriz de Casco de Rolha. Esta foi construída entre os anos de 1158 e 1660. Foi construída no local onde existiu a Mesquita Muçulmana, que foi destruída aquando da Reconquista Cristã de Casco de Rolha.

Figura 8 *- Maquete Igreja Matriz*

Foram usadas pedras da antiga mesquita para a construção da Igreja Matriz de Casco de Rolha.

A igreja é composta pela nave central e por uma torre sineira. Na fachada principal detém uma pequena rosácea e uma porta em arco de volta perfeita toda ela em madeira. Detém alguns altares em talha dourada que foram restaurados nos finais do séc. XVII.

1.5 – Ponte Velha

A Ponte Velha é assim chamada desde que foi construída a primeira ponte sobre o Rio Sarrazolas que a apelidaram "Ponte Nova". A sua construção começou no ano de 1161 sob a ordem de D. Farpas Moutinho e terminaram as obras no ano de 1162.

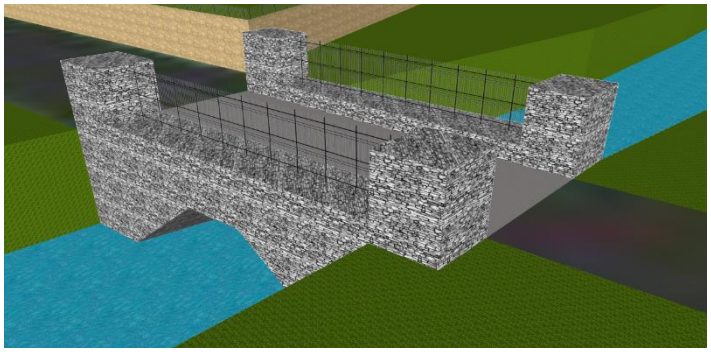


***Figura 9** - Maquete da Ponte Velha*

A Ponte Velha é de estilo românico toda ela em pedra. Detém apenas um arco incrivelmente não redondo e detém quatro pilares nas extremidades.

CAPÍTULO V – VISCONDADO DE CASCO DE ROLHA

1 – Terras do Viscondado de Casco de Rolha

O Viscondado de Casco de Rolha [13] agregava os territórios que atualmente pertencem aos concelhos de Casco de Rolha, Vila Nova de Santa Pinga, Casais de Cima, Casais de Baixo, Caralhais, Quinto do Caralho Mais Novo e Quinto do Caralho Mais Velho[14].

Durante a vigência do viscondado de Casco de Rolha todo o poder político do território em questão teve sede em Casco de Rolha mais propriamente nos Paços Viscondais onde o Visconde de Casco de Rolha os administrava.

2 - Viscondes de Casco de Rolha

O Viscondado de Casco de Rolha foi entregue por D. Afonso Henriques à família Moutinho, na pessoa de um nobre cavaleiro que muito ajudou D. Afonso Henriques contra os Mouros de seu nome D. Farpas Moutinho.

---

[13] Ver mapa da evolução do Viscondado de Casco de Rolha em anexo.

[14] Atualmente o Concelho de Casco de Rolha passou a uma micronação independente com o nome de República Nasseira dos Estados Unidos de Casco de Rolha;
O Concelho do Quinto do Caralho Mais Velho e o Concelho do Quinto do Caralho Mais Novo também se tornaram independentes e adotaram a designação de União das Repúblicas do Quinto do Caralho.
Apenas os Concelhos de Casais de Cima, Casais de Baixo e Caralhais se mantêm em Portugal.

D. Farpas Moutinho deixou a sua descendência no poder do Viscondado de Casco de Rolha[15] até 1578 em que D. Neca Moutinho foi vítima de arrefecimento do céu-da-boca na fatídica Batalha de Alcácer Quibir.

Depois da família Moutinho veio durante a ocupação espanhola a família de la Chica, com a Restauração da Independência em 1640 chega ao poder a família de Parajá e por fim com a Implantação da República o titulo passa para a família Casquinhas.

3 – Cruzeiro Paroquial

A construção do Cruzeiro Paroquial é atribuída ao quarto Visconde de Casco de Rolha, D. Toninho de Menezes Moutinho II. Segundo documentos da data a sua construção dá-se no ano de 1260.

Este foi construído junto da Ponte Velha na entrada principal de Casco de Rolha em frente dos Paços Viscondais. Segundo D. Toninho de Menezes Moutinho II o Cruzeiro é uma forma de mostrar que Casco de Rolha era uma terra católica. Este era utilizado pelos peregrinos que iam de passagem como ponto de descanso.

4 – Crise de 1383-85

Aquando do viscondado do nono Visconde de Casco de Rolha, D. Cornélio Moutinho dá-se a famosa crise de 1383-85 da sucessão ao trono de Portugal. D. Cornélio Moutinho como "home" de gema e visionário viu que lhe dava mais mama apoiar D. João Mestre de Avis. Aquando das invasões espanholas em particular na Batalha de Aljubarrota, D. Cornélio Moutinho participou com valentia e isso valeu-lhe mais prestígio e poder no comando do Viscondado de Casco de Rolha.

É também após esta crise que D. João I institui o título de Marquês de Corno Manso, na pessoa de D. Toño de Corno Manso. Com a criação deste título, Corno Manso deixa de estar inserido no Viscondado de Casco de Rolha e passa a ter autonomia administrativa própria.

[15] Ver em anexo Lista de Viscondes de Casco de Rolha.

5 – Lenda de Nossa Senhora dos Tremoços[16]

Uns valentes anos mais tarde já no viscondado do 16.º Visconde, D. Neca Moutinho que acontece o maior acontecimento de todos os tempos em Casco de Rolha. Reza a lenda que em 29 de Julho de mil cinco e sessenta e cinco encontravam-se em cima de um monte em terras de casco três forasteiros a encher as brocas [17] e a beber uns canecos. De repente veem em cima de uma das pipas de vinho uma espécie de luz branca a pairar. Com tal acontecimento assustaram-se e "armandaram" uns farpões de aviso. Pouco depois ficou nítida a imagem de uma santa com um pires de tremoços na mão. "Perente" isto os forasteiros bastante devotos ajoelharam-se aos pés da santa e batizaram-na de Nossa Senhora dos Tremoços. No local onde apareceu a santa deixaram uma cruz e fizeram uma doação ao Mosteiro de São Cricalho de Casco de Rolha para mandar erigir no local uma capela, concluindo-se as obras no ano seguinte.

6 – Batalha de Alcácer Quibir e Ocupação Espanhola

Uns anos mais tarde, dá-se o primeiro grande revaleste no poder do Viscondado de Casco de Rolha. D. Neca Moutinho o Visconde de Casco de Rolha como bravo cavaleiro que era foi chamado à intervenção na campanha no norte de áfrica comandada pelo rei D. Sebastião. D. Neca Moutinho na célebre Batalha de Alcácer Quibir em 1578 foi vítima de arrefecimento do céu-da-boca. Como D. Neca Moutinho deixava a mota ir abaixo[18] não conseguiu ter filhos e deixar descendência o poder passou para outra família burguesa de Casco de Rolha os Parajás sendo o poder instituído em D. Crispim de Parajá. D. Crispim de Parajá torna-se assim o 17.º Visconde de Casco de Rolha e o Visconde com o viscondado mais curto de sempre entre 1578 e 1580.

Em 1580 com a invasão de Portugal pelos espanhóis e respetivo "enxertamento da broa" do exército português comandado por D. António Prior do Crato é instituído rei de Portugal Filipe II de Espanha. Com o passar do poder régio para os espanhóis também o poder do Viscondado de Casco de Rolha passou para espanhóis. O "home" escolhido

[16] Faz parte dos 5 mitos e lendas de Casco de Rolha. As outras 4 são: Lenda da Encruzilhada dos Quatro Caminhos, Encontros Secretos de António Pina Balente, O Inicio do Mundo em Casco de Rolha e o Fantasma de Hans Kricka.
[17] Comer.
[18] Ter impotência sexual.

foi D. Juan de la Chica. Este governou o Viscondado de Casco de Rolha entre 1580 e 1622 aquando do seu arrefecimento do céu-da-boca.

Em 1622 o poder viscondal passa para D. Joaquin de la Chica filho de D. Juan de la Chica. Este vai perdurar até 1640 aquando da Restauração da Independência de Portugal conseguida por D. João IV.

7 – Restauração da Independência

Com a Restauração da Independência, D. João IV restitui todos os poderes do Viscondado de Casco de Rolha a um "home" que por direito era o pretendente ao cargo de Visconde de Casco de Rolha. Este "home" não é nada mais nada menos do que o neto de D. Crispim de Parajá de seu nome D. Crispim Toguinhas de Parajá. Deste modo regressa o poder viscondal à família de Parajá.

8 – Real Confraria de Nossa Senhora dos Tremoços

É no Viscondado de D. Crispim Toguinhas de Parajá que se dá um crescimento da romagem à Capela de Nossa Senhora dos Tremoços de peregrinos vindo dos quatro cantos do mundo e arredores. Com tal acontecimento, o pároco de Casco de Rolha à altura juntamente com D. Crispim Toguinhas de Parajá criam a Real Confraria de Nossa Senhora dos Tremoços. A confraria fica encarregue de zelar e gerir os dinheiros das esmolas que os peregrinos deixassem à santa. É já no viscondado do 23.º Visconde de Casco de Rolha, D. Carmelindo de Parajá mais concretamente no ano de 1750 que a Real Confraria de Nossa Senhora dos Tremoços decide criar as Grandiosas Festividades em Honra de Nossa Senhora dos Tremoços para homenagear a santa. Estas festividades decorrem ainda nos dias de hoje com grande pompa e circunstância.

Figura 10 *- Emblema da Real Confraria de Nossa Senhora dos Tremoços*

9 – Coreto

No viscondado de D. Carmelindo de Parajá II em 1743 iniciam-se as obras de construção do Coreto. O Coreto foi construído em frente do Convento de São Cricalho do lado de lá da Rua do Coreto[19]. Segundo D. Carmelindo de Parajá II foi mandado construir o Coreto para embelezar a zona envolvente dos Paços Viscondais e Convento de São Cricalho.

Nos dias de hoje o Coreto é palco de grandes "aquetuamentos" musicais, a destacar o Festival de Bandas Farpónicas de Casco de Rolha, o "Todos ao Coreto" série de atuações inseridas nas Grandiosas Festividades em Honra de Nossa Senhora dos Tremoços.

10 – Invasões Francesas

Em 1807 Portugal foi vítima da primeira invasão francesa. O exército francês comandado por Junot. As tropas francesas não passaram por Casco de Rolha, pois se dirigiam a Lisboa.

Em 1808 dá-se a segunda invasão francesa comanda por Soult e esta vítima Casco de Rolha com algumas pilhagens visto o exército francês ir de passagem.

Em 1810 dá-se a última invasão que também não passa por Casco de Rolha, mas Casco de Rolha está envolvida nesta com combatentes da Guarda Viscondal [20] envolvidos na Batalha do Buçaco.

CAPÍTULO VI – VISCONDADO DE CASCO DE ROLHA SEM PODER ADMINISTRATIVO

1 – Reorganização dos Concelhos em Portugal

Decorria o ano de 1836 quando por decreto de Passos Manuel foram reorganizados os concelhos em Portugal. Decorrente das reformas liberais o número de concelhos foi reduzido. Com esta reorganização administrativa o Viscondado de Casco de Rolha perde poder administrativo e é desintegrado formando os concelhos de Vila

[19] Esta rua passou a chamar-se Rua do Coreto após a construção do mesmo nesta rua.
[20] Pequeno corpo militar já extinto que garantia a segurança do Visconde de Casco de Rolha. Este corpo era composto no mínimo por 20 elementos divididos em duas esquadras e no máximo por 40 elementos.

Nova de Santa Pinga, Casais de Cima, Casais de Baixo, Caralhais, Quinto do Caralho Mais Novo e Quinto do Caralho Mais Velho.

Casco de Rolha sede do Viscondado de Casco de Rolha fica integrado no concelho de Vila Nova de Santa Pinga. São ainda neste ano elevados a cidade Vila Nova de Santa Pinga, Caralhais, Casais de Cima, Casais de Baixo e Quinto do Caralho Mais Novo. Quinto do Caralho Mais Velho é elevada a vila e só anos mais tarde a cidade.

D. Jaques de Parajá Visconde de Casco de Rolha em 1836 mantém o título até à sua morte em 1852 mas perde todos os poderes administrativos que detinha. A partir desta reorganização administrativa o título de Visconde de Casco de Rolha passa a ser apenas um título honorífico.

Com a reorganização administrativa o novo mapa passa a ser o seguinte:

- Concelho de Vila Nova de Santa Pinga:
    - Vila Nova de Santa Pinga (cidade);
    - Vila Nova de Cafeteiras;
    - Casco de Rolha;
    - Sarrazolas;
    - Vilha Velha da Moina;
    - Santa Cona do Assobio;
    - Baletas de Cão.
- Concelho de Casais de Cima:
    - Casais de Cima (cidade);
    - Bucha;
    - Vila Quentinha de São Cricalho;
    - Vila Quentinha de São Gipado.
- Concelho de Casais de Baixo:
    - Casais de Baixo (cidade);
    - Bidões;
    - Macieira de Pinga;
    - Vila das Raposeiras;
    - Corno Manso.
- Concelho de Caralhais:
    - Caralhais (cidade);

    - Bicha;
    - Carapiços;
    - Vilar de Farpas;
    - Testeira.
- Concelho do Quinto do Caralho Mais Novo:
    - Quinto do Caralho Mais Novo (cidade);
    - Fisgada;
    - Vilar de Castanhadas,
    - Vilar das Cricas.
- Concelho do Quinto do Caralho Mais Velho:
    - Quinto do Caralho Mais Velho (vila)[21];
    - Cascos da Cona;
    - Vilar de Cadernizes;
    - Vilar de Cabrestos.

2 – Festas Taurinas de Casco de Rolha

No ano de 1861 no viscondado de D. Grilas de Parajá o 28:º Visconde de Casco de Rolha começam as Festas Taurinas de Casco de Rolha. Estas foram criadas por decreto freguesial emitido pelo próprio D. Grilas de Parajá que era um aficionado das touradas e certo dia foi a Espanha ver uma e ficou viciado na coisa. Desde então que todos os anos até aos dias de hoje se realizam estas tradicionais festividades em Casco de Rolha.

A partir do ano de 1944 que a tourada em Casco de Rolha tem uma particularidade única no mundo, em vez de se realizar o toureio a cavalo, realiza-se o toureio de motorizada, o chamado motoureio[22].

[21] Elevado a cidade em 1910.
[22] É considerada a melhor lide de motoureio de sempre, a de Zeca Purisso nas Festas Taurinas de Casco de Rolha de 2015, em que este enfia no lombo do touro duas bandarilhas curtas com a mota a sacar cavalinho.

CAPÍTULO VII – SÉCULO XX

1 – Implantação da República

A 5 de Outubro de 1910 tropas Republicanas apoiadas por populares derrotam as tropas fieis à Monarquia. Logo Casco de Rolha é invadido pelos ideais republicanos. Os republicanos de Casco de Rolha logo quiseram eliminar o representante da monarquia em Casco de Rolha, o Visconde de Casco de Rolha.

À data estava em funções D. Grilas de Parajá II, o 30.º Visconde de Casco de Rolha. Este foi feito prisioneiro pelas forças republicanas. Esteve prisioneiro até pouco antes do seu arrefecimento do céu-da-boca em 1916.

Com a Implantação da República e com a destituição de D. Grilas de Parajá II do título de Visconde de Casco de Rolha, o título de Visconde de Casco de Rolha é atribuído à pessoa de D. Tone Casquinhas "O Republicano". Este cognome deve-se a este "home" ser um republicano de gema de raiz.

2 – Primeira Grande Guerra do Tinto

2.1 – Pré-Guerra

Macieira de Pinga comercializava boa pinga e detinha boas relações comerciais com Corno Manso. Casco de Rolha também fazia algumas trocas de pingas com Macieira de Pinga apesar de deter uma Adega de Pinga Alvarinha.

Por esta altura já Casco de Rolha tinha assinado um trato de aliança com Corno Manso celebrado com o casamento de D. José Figueiredo II o 22.º Marquês de Corno Manso com a irmã de D. Manuel Casquinhas o 32.º Visconde de Casco de Rolha.

Vilha Velha da Moina eterna rival de Casco de Rolha, estava já interessada em assumir as rédeas do negócio de pinga de Macieira de Pinga e para isso estava disposta a "enxertar a marmita" a Corno Manso começa a organizar a sua recém-formada Tropa Raseira que já detinha a capacidade de uma companhia[23] dividida em dois pelotões.

[23] Uma companhia detém no mínimo dois pelotões que são compostos por cerca de 70 homens cada um, ou seja, a companhia detém um efetivo de cerca de 140 homens.

2.2 – Criação da Marinha de Rega de Casco de Rolha

Como Vilha Velha da Moina detinha um respeitável efetivo militar terrestre, Casco de Rolha para proteger as suas águas na Ribeira de Casco e Rio Sarrazolas decide criar a Marinha de Rega de Casco de Rolha.

Foi criada no ano de 1939 por decreto freguesial do presidente da junta à data. A sua criação esteve a cargo de um casco rolhense que tirou o curso dos Royal Marines na Inglaterra. O dito casco rolhense foi-lhe instituído a patente de Almirante e lecionou a recruta aos novos candidatos a marinheiros.

Dado este vir dum grupo de forças especiais, os Royal Marines[24] decide criar dois pelotões um de marinheiros e outro de forças especiais navais, os Fuzileiros. A Marinha de Rega foi constituída à sua fundação por um pelotão de 75 marinheiros convencionais e um pelotão composto por 35 Fuzileiros.

Apesar desta desvantagem numérica, Casco de Rolha com forças especiais detinha mais poderio de ataque em combate. Foram ainda adquiridas metralhadoras ligeiras e pesadas e algumas peças de artilharia. Foram ainda adquiridos alguns botes a remos blindados para o desembarque anfíbio da Companhia de Fuzileiros.

2.3 – O Conflito e seus intervenientes

O conflito propriamente dito começou em 1941 aquando da tropa raseira de Vilha Velha da Moina invade Macieira de Pinga. Vendo-se invadida, Macieira de Pinga declara guerra a Vilha Velha da Moina o que pouco lhe valeu pois apenas detinha como força de resistência populares armados que se insurgiam contra as tropas velha moinenses.

Com esta invasão Corno Manso vê a sua negociata de pinga ir pela água abaixo e marcha com as suas Tropas Especiais sobre Macieira de Pinga para tentar libertar esta da ocupação de Vilha Velha da Moina.

As tropas de Corno Manso conseguem entrincheirar-se num edifico de Macieira de Pinga mas dado o seu reduzido efetivo de apenas 20 elementos vê-se atrapalhada com "as calças na mão" ficando sem manobra. É então que o chefe desta força decide pedir apoio à Marinha de Rega de Casco de Rolha.

[24] Os Royal Marines são o corpo de Fuzileiros da Royal Navy, a Marinha do Reino Unido.

Casco de Rolha como aliado de Corno Manso não recusa tal pedido de ajuda e estreia as suas forças em combate. Logo é enviado o Pelotão de Fuzileiros em auxílio das Tropas Especiais de Corno Manso. São ainda enviados marinheiros convencionais para reforçar o efetivo militar e uma pequena parte é enviada a Vilha Velha da Moina que começa a fazer pilhagens obrigando Vilha Velha da Moina pedir ajuda à sua aliada na altura Sarrazolas que envia um grupo de milícias populares armadas em auxílio. Estas são logo vítimas de "enxertamento da broa" por parte da Marinha de Rega de Casco de Rolha.

É durante o cerco a tropas velha moinenses que Tone Moço[25] um fuzileiro de valor dizima um grupo de tropas velha moinense com um único morteiro de farpão.

Vilha Velha da Moina vendo-se sem hipóteses de ganhar a guerra, decide assinar o armistício e sair de Macieira de Pinga.

Com a Primeira Grande Guerra do Tintol a Marinha de Rega de Casco de Rolha começa a ganhar algum prestígio e respeito pelos seus atos em combate.

Aliança de Casco de Rolha			**Aliança Vilha Velha da Moina**		
Freguesia	**Tropa**	**Elementos**	**Freguesia**	**Tropa**	**Elementos**
Casco de Rolha	Marinha de Rega	110	Vilha Velha da Moina	Tropa Raseira	140
Corno Manso	Tropas Especiais	20	Sarrazolas	Milícia Popular	60
Macieira de Pinga	Guerrilha Popular	50			
TOTAL		**180**	**TOTAL**		**200**

Figura 11 *- Quadro Resumo de Tropas Envolvidas na Primeira Grande Guerra do Tintol*

3 – Moina de Casco de Rolha

Anos mais tarde da Primeira Grande Guerra do Tintol, levantou-se em Casco de Rolha uma grande instabilidade, nomeadamente ao nível das sociedades de limpezas à noite. Com uma grande onda de gamanços, o presidente da junta à data de 1969 decide criar por decreto freguesial a Moina de Casco de Rolha.

Inicialmente a Moina de Casco de Rolha era composta apenas pela Moina que Leva No Focinho, que detinha a Rámona e o Piquete de Caça à Multa. Anos mais tarde já em meados da década de 80, foi necessário criar uma unidade de elite da moina. Foi criada em 1981 a Unidade Especial da Moina. Esta foi constituída com os seguintes

[25] Tone Moço é o fuzileiro mais condecorado de sempre da Marinha de Rega de Casco de Rolha. Ele foi condecorado com medalhas, medalhões de pescada, filetes, sardinhas e postas de bacalhau. Recebeu ainda Medalha de Mérito da Nassa, a Grande Cruz de Tinto e o Crachá de Home de Gema da Junta de Casco de Rolha.

corpos: Grupo de Operações Especiais (GOE), Grupo de Operações Especiais e Defesa de Farpas Radioativas (GOEDFR), o Corpo de Segurança Pessoal, o Grupo de Pingas Especiais e a Moina de Intervenção.

No ano de 2014, a Moina de Intervenção estreou os seus novos amansa guapos[26], mais potentes que os antigos.

4 – Rali Vale de Casco

Decorria o ano de 1981 quando por alma de um iluminado e aficionado do rali nasceu o Rali Vale de Casco. Na primeira "indeção" participaram duas meias dúzias de carros, todos eles foleiros diga-se de passagem.

***Figura 12** - Logótipo do Rali Vale de Casco 2015*

O seu primeiro vencedor foi o eterno campeão freguesial de rali de Casco de Rolha, Se Manel das Bicas.

O Rali Vale de Casco é uma prova mítica no panorama dos ralis em Casco de Rolha e arredores. Grandes máquinas correm atualmente, como por exemplo a Transviatura Super Sport RS pilotada por Marcolino Pastilhas, ou o Suzuki Escudo pilotado por Piroki Cho Takayota ou ainda o mítico Audi Sport Quattro S1 do antigo Grupo B do Mundial de Rali.

5 – Tremoços Pikes Peak Hill Climb de Casco de Rolha

Anos mais tarde da aparição do Rali Vale de Casco, chega a Casco de Rolha outra prova de desporto automobilístico, o Tremoços Pikes Peak. Decorria o ano de 1991 quando decidem criar em Casco de Rolha, uma prova de Hill Climb.

Como Hill Climb é a subida de uma montanha, o mais parecido com uma montanha que existe em Casco de Rolha é o Monte de Nossa Senhora dos Tremoços. A prova como é realizada no Monte de Nossa Senhora dos Tremoços foi batizada de Tremoços Pikes Peak.

[26] Estes foram enxertados na Passagem d'Ano "Rodilhão" de 2014-15 na Quinta de Copertino Faneca.

Na prova do ano de 1997, Hans Kricka pilotava o seu Lancia Delta S4 quando entrou demasiado d'estouro numa curva e não conseguir dominar a viatura e desenculatrou-se monte a baixo, sendo vítima de arrefecimento do céu-da-boca no próprio local do acidente. Segundo a crença popular após este acidente, todas as noites o fantasma de Hans Kricka[27] anda a vaguear pelo Monte de Nossa Senhora dos Tremoços a atormentar quem para lá for andar a assapar de carro.

6 – Pina Balentismo

Decorria o ano de 1996 quando se deu um verdadeiro rombo na política freguesial de Casco de Rolha. António Pina Balente resultou de uma caibrada depois do casamento de Joaquim Encona Balente e Ernestina Clementina Lopes Sousa Pina.

António Pina Balente chega aos controlos da junta de freguesia de Casco de Rolha nas eleições freguesiais de 1996 pelo Partido da Puta que Pariu (PdPqP).

O seu elenco freguesial era composto pelos seguintes elementos: Manecas o Secretário Freguesial dos Assuntos Freguesiais, Tone Cepa o Secretário Freguesial do Tesouro e Finanças, Tia Maria Farpona a Secretária Freguesial do Desporto e da Cultura, Garrafom o Secretário Freguesial da Saúde, Tio Antone Brigadas o Secretário Freguesial de Defesa e Moinacial e Tio Manel Telagra o Tesoureiro.

O Pina Balentismo durou cerca de 19 anos. Apenas terminou com um golpe militar organizado pelas Forças Armadas e Desarmadas de Casco de Rolha que depôs António Pina Balente do poder freguesial e proclamaram General Biclas presidente da junta de Casco de Rolha.

Durante a sua hegemonia política em Casco de Rolha, António Pina Balente foi apanhado em vários escândalos. A destacar alguns: construção do Aeroporto Internacional de Casco de Rolha, compra do submarino Farpão, Cascos Gold que levou à sua deposição por um golpe militar, construção de uma ponte só para realojar uns moços que viviam debaixo da Ponte Velha.

[27] Lenda do Fantasma de Hans Kricka.